

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: _____

Data: set/82

Pg.: _____

CRONOLOGIA

D. Quirino acusa os fazendeiros

O bispo de Teófilo Otoni, dom Quirino Adolfo Schmitz informou ontem que o índio Maxakali Waldomiro, encontrado morto anteontem, foi assassinado por fazendeiros da região de Bertópolis, a 688 quilômetros de Belo Horizonte, e não por outros índios por vingança e feitiçaria, como foi divulgado anteontem nesta capital.

O delegado da Funai em Governador Valadares, Carlos Roberto Grossi, seguiu para Maxacali, onde vivem os 436 remanescentes da antiga tribo. Na região, o clima continua tenso, com os fazendeiros acusando os índios de promover desordens e os silvícolas reclamando medidas contra as frequentes invasões de suas terras.

Dom Quirino Schmitz, a cuja diocese está vinculada a aldeia maxakali, distribuiu ontem a seguinte nota com sua versão sobre a morte do índio Waldomiro:

No dia 16 do corrente, um caminhão da Funai deixou alguns índios em Batinga, divisa de Minas com Bahia, seguindo depois para Governador Valadares. Os índios voltaram a pé para sua aldeia. Um deles, porém, ficou na fazenda do Sr. Pinduca. Não voltando à aldeia, à noite, o chefe do posto da Funai mandou procurá-lo.

"Sábado, dia 17 de julho, os índios encontraram o corpo do companheiro, de nome Valdomiro Maxakali, morto com seis golpes de faca. Fora arrastado para esse mesmo local onde, em 1981, outro índio, de nome Arquilino, fora espancado pelo vaqueiro de Valdivino Cabral. Os índios são unânimes em afirmar que o autor do crime é algum fazendeiro.

"A Funai não se responsabiliza pelo que acontece com os índios fora da aldeia, é o que elementos do órgão declaram na região. Com isso, está aberto o caminho à violência contra os índios, mais ainda, neste ano de eleições, em que alguns candidatos precisam dos votos de gente influente da região.

"Não basta que esses fatos sejam denunciados. É preciso que se faça alguma coisa. Do contrário, poderá haver ainda credibilidade por parte do povo sofrido na ação da tão decantada segurança nacional". (O Globo, Rio, 19/07/82).

minha língua que vocês são brasileiros e não entendem a fala do índio, mas entendem a língua do colonizador, do português, do inglês e do francês".

Dizendo-se a cada momento "brasileiro e filho da terra", afirmou que o Governo Federal "está com medo de perder o emprego, de ficar sem função, e que os militares pretendem tomar conta do Brasil a vida inteira sem mudar nada. O Governo quer viver à custa da gente, que somos brasileiros, e abre as portas para os estrangeiros".

- Quero criar a minha força com vocês, porque sou brasileiro, o coração da terra, uma raiz que não apodreceu, que está viva sob a terra.

Mário Juruna pediu voto dos presentes para Brizola, Saturnino e para ele próprio, afirmou que "o brasileiro tem que ter casa, uma roça, liberdade e uma criação", atacou "o capital estrangeiro, que lucra na nossa terra e investe na deles", e pediu a expulsão do Ministro do Planejamento:

- Delfim tem que ser expulso do País, tem que ser preso.

O cacique, sempre ao lado de Brizola e com o ramo de flores que logo depois depositaria sob a estátua de Araribóia, terminou frisando que "não sou subversivo, agitador. Sou brasileiro e não tenho mistura com ninguém. Aqui é terra do índio, e eu mais do que ninguém tenho o direito de estar aqui". (O Fluminense, Rio, 22/07/82).